

Compromisso Ontológico

entre a semântica, a lógica e a metafísica

Daniel Durante Pereira Alves

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - (Brasil)
LanCog Group - Universidade de Lisboa - (Portugal)

durante@ufrnet.br

LanCog Seminar
Lisboa – Novembro – 2013

Divergências sobre ontologia, sobre o que existe, são tão básicas que tendem a dificultar ou até bloquear o diálogo entre os antagonistas. As disputas entre *crentes* e *ateus*, ou entre *realistas* e *nominalistas* são apenas dois tipos exemplo. Interessado em contribuir para a inteligibilidade do debate sobre ontologia, W. V. Quine, em 1939, iniciou uma série de trabalhos em que apresenta a noção de compromisso ontológico e propõe um critério supostamente objetivo para identificar as condições exatas em que a um certo discurso teórico (e portanto a seus proponentes) pode ser imputada uma suposição de existência. Pretendo apresentar o conceito de compromisso ontológico e o critério quineano, analisar o papel deste critério no projeto filosófico de Quine, apresentar e avaliar algumas das muitas críticas que o critério recebeu e apresentar algumas formulações alternativas do critério de Quine e critérios alternativos ao dele. Como produto destas análises espero contribuir para a reflexão sobre a relevância e o lugar filosófico da noção de compromisso ontológico.

O que significa existir?

O que significa existir?

Na **primeira** linha da **primeira** página do **primeiro** artigo em que Quine se refere ao conceito de compromisso ontológico, ele faz a seguinte pergunta:

O que significa existir?

Na **primeira** linha da **primeira** página do **primeiro** artigo em que Quine se refere ao conceito de compromisso ontológico, ele faz a seguinte pergunta:

A Logistical Approach to the Ontological Problem (1939)

What does it mean to ask, e.g., whether there is such an entity as roundness?

O que significa existir?

Na **primeira** linha da **primeira** página do **primeiro** artigo em que Quine se refere ao conceito de compromisso ontológico, ele faz a seguinte pergunta:

A Logistical Approach to the Ontological Problem (1939)

What does it mean to ask, e.g., whether there is such an entity as roundness?

- Repare que Quine não pergunta se a redondeza existe ou não.

O que significa existir?

Na **primeira** linha da **primeira** página do **primeiro** artigo em que Quine se refere ao conceito de compromisso ontológico, ele faz a seguinte pergunta:

A Logistical Approach to the Ontological Problem (1939)

What does it mean to ask, e.g., whether there is such an entity as roundness?

- Repare que Quine não pergunta se a redondeza existe ou não.
- Ele pergunta sobre o significado da própria pergunta pela existência da redondeza.

O que significa existir?

Na **primeira** linha da **primeira** página do **primeiro** artigo em que Quine se refere ao conceito de compromisso ontológico, ele faz a seguinte pergunta:

A Logistical Approach to the Ontological Problem (1939)

What does it mean to ask, e.g., whether there is such an entity as roundness?

- Repare que Quine não pergunta se a redondeza existe ou não.
- Ele pergunta sobre o significado da própria pergunta pela existência da redondeza.
- Mais do que investigar o que existe ou não, esta pergunta nos convida a investigar **o que significa existir**.

Compromisso Ontológico \approx Respeito a um Conceito de Existência

- O produto desta investigação não será portanto um catálogo do que existe, mas uma caracterização do existir, uma **doutrina do ser**, um **conceito de existência**.

- O produto desta investigação não será portanto um catálogo do que existe, mas uma caracterização do existir, uma **doutrina do ser**, um **conceito de existência**.
- Podemos entender a noção de **compromisso ontológico** como a exigência de respeito a um conceito de existência que se tenha assumido.

- O produto desta investigação não será portanto um catálogo do que existe, mas uma caracterização do existir, uma **doutrina do ser**, um **conceito de existência**.
- Podemos entender a noção de **compromisso ontológico** como a exigência de respeito a um conceito de existência que se tenha assumido.
- Seja qual for o meu entendimento sobre o que é existir, eu tenho que respeitá-lo em meus discursos e em meus julgamentos sobre os discursos alheios.

- O produto desta investigação não será portanto um catálogo do que existe, mas uma caracterização do existir, uma **doutrina do ser**, um **conceito de existência**.
- Podemos entender a noção de **compromisso ontológico** como a exigência de respeito a um conceito de existência que se tenha assumido.
- Seja qual for o meu entendimento sobre o que é existir, eu tenho que respeitá-lo em meus discursos e em meus julgamentos sobre os discursos alheios.
- Eu não posso afirmar a existência, nem imputar suposições de existência a nenhum discurso irrefletidamente, mas apenas na medida em que a coerência com um conceito de existência assim o exigir.

- Alegações de existência assim imputadas serão os **compromissos ontológicos** que o discurso tem, de acordo com o conceito de existência previamente assumido.

- Alegações de existência assim imputadas serão os **compromissos ontológicos** que o discurso tem, de acordo com o conceito de existência previamente assumido.
- A noção de compromisso ontológico é, portanto, uma reivindicação de racionalidade. É uma pré-condição para qualquer debate sobre ontologia.

- Alegações de existência assim imputadas serão os **compromissos ontológicos** que o discurso tem, de acordo com o conceito de existência previamente assumido.
- A noção de compromisso ontológico é, portanto, uma reivindicação de racionalidade. É uma pré-condição para qualquer debate sobre ontologia.
- Se eu e você discordamos sobre o que existe, não podemos recorrer ao mundo para decidir nossa desavença. A única maneira de decidi-la é através do esclarecimento do conceito de existência que cada um de nós assume e da exigência de coerência com este conceito para qualquer suposição de existência que imputamos às afirmações um do outro.

Doutrina da Referência × Doutrina da Significância

Doutrina da Referência × Doutrina da Significância

Na segunda linha da primeira página do primeiro artigo... Quine continua:

Na segunda linha da primeira página do primeiro artigo... Quine continua:

A Logistical Approach to the Ontological Problem (1939)

Note that we can use the word 'roundness' without acknowledging any such entity. We can maintain that the word is syncategorematic, like prepositions, conjunctions, articles, commas, etc.: that though it occurs as an essential part of various meaningful sentences it is not a anything. To ask whether there is such an entity as roundness is thus not to question the meaningfulness of 'roundness'; it amounts rather to asking whether this word is a name or a syncategorematic expression.

Na segunda linha da primeira página do primeiro artigo... Quine continua:

A Logistical Approach to the Ontological Problem (1939)

*Note that we can use the word 'roundness' without acknowledging any such entity. We can maintain that the word is syncategorematic, like prepositions, conjunctions, articles, commas, etc.: that though it occurs as an essential part of various meaningful sentences it is not a anything. **To ask whether there is such an entity as roundness is thus not to question the meaningfulness of 'roundness'; it amounts rather to asking whether this word is a name or a syncategorematic expression.***

Na passagem destacada, Quine está esclarecendo qual é, **para ele**, o significado da pergunta pela existência da redondeza:

Na segunda linha da primeira página do primeiro artigo... Quine continua:

A Logistical Approach to the Ontological Problem (1939)

Note that we can use the word 'roundness' without acknowledging any such entity. We can maintain that the word is syncategorematic, like prepositions, conjunctions, articles, commas, etc.: that though it occurs as an essential part of various meaningful sentences it is not a anything. To ask whether there is such an entity as roundness is thus not to question the meaningfulness of 'roundness'; it amounts rather to asking whether this word is a name or a syncategorematic expression.

Na passagem destacada, Quine está esclarecendo qual é, **para ele**, o significado da pergunta pela existência da redondeza:

Perguntar se há uma tal entidade como a redondeza não é perguntar se o termo 'redondeza' é significativo; mas equivale a perguntar se esta palavra é um nome ou uma expressão sincategoremática.

- Ao contrapor duas maneiras diferentes de entender o que significa a pergunta pela existência, Quine está de fato contrapondo dois conceitos de existência distintos.

- Ao contrapor duas maneiras diferentes de entender o que significa a pergunta pela existência, Quine está de fato contrapondo dois conceitos de existência distintos.
 - A doutrina que ele **rejeita** relaciona o ser à **significância**,

- Ao contrapor duas maneiras diferentes de entender o que significa a pergunta pela existência, Quine está de fato contrapondo dois conceitos de existência distintos.
 - A doutrina que ele **rejeita** relaciona o ser à **significância**,
 - e a que ele **defende** relaciona o ser à **referência**.

- Ao contrapor duas maneiras diferentes de entender o que significa a pergunta pela existência, Quine está de fato contrapondo dois conceitos de existência distintos.
 - A doutrina que ele **rejeita** relaciona o ser à **significância**,
 - e a que ele **defende** relaciona o ser à **referência**.
- Não devemos deixar que o aspecto linguístico no qual Quine coloca a questão esconda o radicalismo da diferença entre estes dois conceitos de existência.

- Ao contrapor duas maneiras diferentes de entender o que significa a pergunta pela existência, Quine está de fato contrapondo dois conceitos de existência distintos.
 - A doutrina que ele **rejeita** relaciona o ser à **significância**,
 - e a que ele **defende** relaciona o ser à **referência**.
- Não devemos deixar que o aspecto linguístico no qual Quine coloca a questão esconda o radicalismo da diferença entre estes dois conceitos de existência.

Relacionar o ser à **significância**, por exemplo, parece uma boa maneira de buscar coerência para as idéias que sustentam concepções **idealistas** ou **fenomenalistas** sobre a existência. Já relacionar o ser à **referência**, por sua vez, parece um bom meio de acomodar concepções **realistas**.

Conceitos de Existência Distintos \Rightarrow Compromissos Ontológicos Distintos

Cada um destes dois conceitos de existência demanda compromissos ontológicos distintos.

Cada um destes dois conceitos de existência demanda compromissos ontológicos distintos.

Considere a sentença:

“Cascalhos têm redondeza.”

Cada um destes dois conceitos de existência demanda compromissos ontológicos distintos.

Considere a sentença:

“Cascalhos têm redondeza.”

- A palavra ‘redondeza’ é aqui um termo significativo de uma sentença significativa.

Cada um destes dois conceitos de existência demanda compromissos ontológicos distintos.

Considere a sentença:

“Cascalhos têm redondeza.”

- A palavra ‘redondeza’ é aqui um termo significativo de uma sentença significativa.
- Portanto, segundo a doutrina que relaciona o ser à significância, é legítimo imputar a esta sentença e a quem quer que a defenda a suposição de que a redondeza existe.

Cada um destes dois conceitos de existência demanda compromissos ontológicos distintos.

Considere a sentença:

“Cascalhos têm redondeza.”

- A palavra ‘redondeza’ é aqui um termo significativo de uma sentença significativa.
- Portanto, segundo a doutrina que relaciona o ser à significância, é legítimo imputar a esta sentença e a quem quer que a defenda a suposição de que a redondeza existe.

Se ser é significar, então há um **compromisso ontológico** da sentença acima com a redondeza.

“Cascalhos têm redondeza”

Por outro lado, segundo a doutrina preferida de Quine, que relaciona o ser à referência, só será legítimo imputar a esta sentença a suposição de que a redondeza existe, se a palavra ‘redondeza’ for um **nome** e não uma expressão sincategoremática.

“Cascalhos têm redondeza”

Por outro lado, segundo a doutrina preferida de Quine, que relaciona o ser à referência, só será legítimo imputar a esta sentença a suposição de que a redondeza existe, se a palavra ‘redondeza’ for um **nome** e não uma expressão sincategoremática.

Duas questões fundamentais exigem consideração:

“Cascalhos têm redondeza”

Por outro lado, segundo a doutrina preferida de Quine, que relaciona o ser à referência, só será legítimo imputar a esta sentença a suposição de que a redondeza existe, se a palavra ‘redondeza’ for um **nome** e não uma expressão sincategoremática.

Duas questões fundamentais exigem consideração:

- 1 Por que favorecer a doutrina da referência em detrimento da doutrina da significância?

“Cascalhos têm redondeza”

Por outro lado, segundo a doutrina preferida de Quine, que relaciona o ser à referência, só será legítimo imputar a esta sentença a suposição de que a redondeza existe, se a palavra ‘redondeza’ for um **nome** e não uma expressão sincategoremática.

Duas questões fundamentais exigem consideração:

- 1 Por que favorecer a doutrina da referência em detrimento da doutrina da significância?
- 2 Uma vez assumida a doutrina da referência, qual o fundamento para decidir quando um termo é um nome legítimo ou é uma expressão sincategoremática?

A Referência é a Rota para o Ser

A Referência é a Rota para o Ser

O tratamento destas duas questões será um tema recorrente na obra de Quine nos trinta anos subsequentes à publicação de LAOP.

A Referência é a Rota para o Ser

O tratamento destas duas questões será um tema recorrente na obra de Quine nos trinta anos subsequentes à publicação de LAOP.

Por que favorecer a doutrina da referência?

A primeira, e mais geral das duas questões, Quine simplesmente ignora neste momento inicial. Sua preferência pela doutrina da referência se justificará em termos de suas concepções filosóficas mais gerais: o seu **naturalismo**, sua **rejeição** das noções de **analiticidade**, sinonímia e conceitos intensionais em geral, seu princípio de **parcimônia ontológica** guiado pelo apego à navalha de Ockham, e seus padrões de **admissibilidade ontológica** baseados em critérios de individuação fornecidos pelas leis lógicas da identidade.

O Veículo da Referência é a Variável

O Veículo da Referência é a Variável

Qual o veículo da referência?

A resposta de Quine à segunda questão, sobre o fundamento para decidir se um dado termo é veículo de referência legítimo, será dada, exatamente, pelo seu **critério de compromisso ontológico**, juntamente com suas concepções sobre **redução ontológica**, **regimentação** e **paráfrase**.

O Veículo da Referência é a Variável

Qual o veículo da referência?

A resposta de Quine à segunda questão, sobre o fundamento para decidir se um dado termo é veículo de referência legítimo, será dada, exatamente, pelo seu **critério de compromisso ontológico**, juntamente com suas concepções sobre **redução ontológica**, **regimentação** e **paráfrase**.

Quine então continua, no segundo parágrafo de LAOP:

O Veículo da Referência é a Variável

Qual o veículo da referência?

A resposta de Quine à segunda questão, sobre o fundamento para decidir se um dado termo é veículo de referência legítimo, será dada, exatamente, pelo seu **critério de compromisso ontológico**, juntamente com suas concepções sobre **redução ontológica**, **regimentação** e **paráfrase**.

Quine então continua, no segundo parágrafo de LAOP:

A Logistical Approach to the Ontological Problem (1939)

*Ontological questions can be transformed, in this superficial way, into linguistic questions regarding the boundary between names and syncategorematic expressions. Now where, in fact, does this boundary fall? The answer is to be found, I think, by turning our attention to **variables**.*

Resumo do Esclarecimento Conceitual

Compromisso Ontológico

A noção de compromisso ontológico representa, portanto, o reconhecimento de que imputações de suposição de existência aos discursos só são legítimas quando a coerência com algum conceito de existência assim o exigir.

Critério de Compromisso Ontológico

A noção de critério de compromisso ontológico, por sua vez, representará o esclarecimento desta exigência. Fixado um conceito de existência, o critério estabelece quais são os elementos e formas dos discursos que atestam determinada suposição de existência.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

a resposta não está na gramática

O Caminho de Quine à formulação do Critério

a resposta não está na gramática

- Especificar o critério de compromisso ontológico, portanto, exigirá de Quine que ele esclareça em que condições um termo é um nome legítimo, e portanto veículo para a referência e para a existência, e em que condições é apenas um termo sincategoremático, que apenas contribui para o significado global da sentença.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

a resposta não está na gramática

- Especificar o critério de compromisso ontológico, portanto, exigirá de Quine que ele esclareça em que condições um termo é um nome legítimo, e portanto veículo para a referência e para a existência, e em que condições é apenas um termo sincategoremático, que apenas contribui para o significado global da sentença.
- Quine percebe que não poderá confiar esta tarefa à gramática. Os “nomes” que ele procura não são os substantivos nem os sujeitos gramaticais. Se assim o fossem não haveria muita diferença entre a doutrina da referência e a doutrina da significância, uma vez que podemos substantivar a maioria dos verbos, adjetivos, advérbios aos quais atribuímos algum significado. A própria palavra *roundness* de sua questão inicial é resultado da substantivação de um adjetivo.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

a resposta não está na gramática

- Especificar o critério de compromisso ontológico, portanto, exigirá de Quine que ele esclareça em que condições um termo é um nome legítimo, e portanto veículo para a referência e para a existência, e em que condições é apenas um termo sincategoremático, que apenas contribui para o significado global da sentença.
- Quine percebe que não poderá confiar esta tarefa à gramática. Os “nomes” que ele procura não são os substantivos nem os sujeitos gramaticais. Se assim o fossem não haveria muita diferença entre a doutrina da referência e a doutrina da significância, uma vez que podemos substantivar a maioria dos verbos, adjetivos, advérbios aos quais atribuímos algum significado. A própria palavra *roundness* de sua questão inicial é resultado da substantivação de um adjetivo.
- Há também o problema oposto, de muitas expressões que são substantivos gramaticais, mas que claramente não têm referência, como ‘Pai Natal’, ou ‘o consumidor típico’.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

o critério não os diz o que há, esclarece o que significa existir

- Ademais, fazer um inventário dos possíveis substantivos de uma língua e imputar-lhes suposição de existência poderia, no máximo, nos dar uma lista do que pode haver para os falantes desta língua.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

o critério não os diz o que há, esclarece o que significa existir

- Ademais, fazer um inventário dos possíveis substantivos de uma língua e imputar-lhes suposição de existência poderia, no máximo, nos dar uma lista do que pode haver para os falantes desta língua.
- Mas esta nunca foi a intenção de Quine e nem ajudaria a responder a sua pergunta inaugural, que não era se a redondeza existe ou não, mas era o que significa se perguntar pela existência da redondeza.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

o critério não os diz o que há, esclarece o que significa existir

- Ademais, fazer um inventário dos possíveis substantivos de uma língua e imputar-lhes suposição de existência poderia, no máximo, nos dar uma lista do que pode haver para os falantes desta língua.
- Mas esta nunca foi a intenção de Quine e nem ajudaria a responder a sua pergunta inaugural, que não era se a redondeza existe ou não, mas era o que significa se perguntar pela existência da redondeza.
- O nome do seu artigo mais famoso sobre o assunto, publicado em 1948, não é “*What There Is*”, mas é “**O**n *What There Is*”.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

o critério não os diz o que há, esclarece o que significa existir

- Ademais, fazer um inventário dos possíveis substantivos de uma língua e imputar-lhes suposição de existência poderia, no máximo, nos dar uma lista do que pode haver para os falantes desta língua.
- Mas esta nunca foi a intenção de Quine e nem ajudaria a responder a sua pergunta inaugural, que não era se a redondeza existe ou não, mas era o que significa se perguntar pela existência da redondeza.
- O nome do seu artigo mais famoso sobre o assunto, publicado em 1948, não é “*What There Is*”, mas é “**On** *What There Is*”.

A resposta que devemos procurar em seu critério de compromisso ontológico, portanto, não será um catálogo do que há, mas será um passo em direção ao esclarecimento sobre o que significa existir.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

o significado da existência está na lógica

Em uma reelaboração de LAOP publicada no final daquele mesmo ano de 1939, sob o título “*Designation and Existence*”, Quine nos dá a descrição mais clara do que o motivou na formulação de seu critério:

O Caminho de Quine à formulação do Critério

o significado da existência está na lógica

Em uma reelaboração de LAOP publicada no final daquele mesmo ano de 1939, sob o título “*Designation and Existence*”, Quine nos dá a descrição mais clara do que o motivou na formulação de seu critério:

Designation and Existence (1939)

Perhaps we can reach no absolute decision as to which words have designata and which have none, but at least we can say whether or not a given pattern of linguistic behavior construes a word W as having a designatum. This is decided by judging whether existential generalization with respect to W is accepted as a valid form of inference.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

o significado da existência está na lógica

Em uma reelaboração de LAOP publicada no final daquele mesmo ano de 1939, sob o título “*Designation and Existence*”, Quine nos dá a descrição mais clara do que o motivou na formulação de seu critério:

Designation and Existence (1939)

Perhaps we can reach no absolute decision as to which words have designata and which have none, but at least we can say whether or not a given pattern of linguistic behavior construes a word W as having a designatum. This is decided by judging whether existential generalization with respect to W is accepted as a valid form of inference.

O padrão de comportamento linguístico que interpreta uma palavra como veículo de referência não será, portanto, para Quine, um padrão gramatical, mas sim um **padrão lógico**.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

admitir a existência \approx aplicar generalização existencial

Não são todos os substantivos gramaticais que nos levam ao que existe, mas, dentre eles, apenas aqueles para os quais aceita-se como válida a aplicação da **regra lógica de generalização existencial**.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

admitir a existência \approx aplicar generalização existencial

Não são todos os substantivos gramaticais que nos levam ao que existe, mas, dentre eles, apenas aqueles para os quais aceita-se como válida a aplicação da **regra lógica de generalização existencial**.

Quando afirmo:

- 1 Esta moeda e aquele CD têm redondeza.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

admitir a existência \approx aplicar generalização existencial

Não são todos os substantivos gramaticais que nos levam ao que existe, mas, dentre eles, apenas aqueles para os quais aceita-se como válida a aplicação da **regra lógica de generalização existencial**.

Quando afirmo:

- 1 Esta moeda e aquele CD têm redondeza.

Parece claro que eu aceitaria como válida uma aplicação de generalização existencial que levasse a:

- 2 Esta moeda existe.
- 3 Aquele CD existe.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

admitir a existência \approx aplicar generalização existencial

Mas não é claro se eu aceitaria como válida uma aplicação de GE que levasse de (1) a (4):

O Caminho de Quine à formulação do Critério

admitir a existência \approx aplicar generalização existencial

Mas não é claro se eu aceitaria como válida uma aplicação de GE que levasse de (1) a (4):

- 1 Esta moeda e aquele CD têm redondeza.
- 4 A redondeza existe.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

admitir a existência \approx aplicar generalização existencial

Mas não é claro se eu aceitaria como válida uma aplicação de GE que levasse de (1) a (4):

- ① Esta moeda e aquele CD têm redondeza.
- ④ A redondeza existe.

Pois ainda que (1) autorize a inferência de (4), eu poderia ter dito o que eu quiz dizer com (1) através da sentença:

- ⑤ Esta moeda e aquele CD são redondos.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

admitir a existência \approx aplicar generalização existencial

Mas não é claro se eu aceitaria como válida uma aplicação de GE que levasse de (1) a (4):

- 1 Esta moeda e aquele CD têm redondeza.
- 4 A redondeza existe.

Pois ainda que (1) autorize a inferência de (4), eu poderia ter dito o que eu quiz dizer com (1) através da sentença:

- 5 Esta moeda e aquele CD são redondos.

Mas não posso inferir (4) de (5) por generalização existencial, já que 'redondo' é um adjetivo e em (5) tem função de predicativo do sujeito, sendo claramente sincategoremático.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

o significado da existência apenas revela as circunstâncias em que a existência é suposta

Parece, portanto, que não fomos a lugar nenhum. Afinal de contas, poderemos, à nossa vontade, admitir ou não como válida uma aplicação de generalização existencial à palavra 'redondeza', dependendo de se nos fixamos à forma (1) ou se aceitamos a forma (5):

- 1 Esta moeda e aquele CD têm redondeza.
- 5 Esta moeda e aquele CD são redondos.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

o significado da existência apenas revela as circunstâncias em que a existência é suposta

Parece, portanto, que não fomos a lugar nenhum. Afinal de contas, poderemos, à nossa vontade, admitir ou não como válida uma aplicação de generalização existencial à palavra 'redondeza', dependendo de se nos fixamos à forma (1) ou se aceitamos a forma (5):

- 1 Esta moeda e aquele CD têm redondeza.
- 5 Esta moeda e aquele CD são redondos.

Alguns pontos precisam, no entanto, ser esclarecidos:

- Devemos novamente nos lembrar de que não é objetivo do critério de Quine decidir se a redondeza, ou qualquer outra suposta entidade, existe ou não, mas apenas indicar as circunstâncias exatas em que, segundo a doutrina referencial do ser, podemos imputar a determinados discursos uma suposição de existência específica.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

as circunstâncias de suposição de existência se revelam apenas na notação canônica

- A linguagem natural, com todas as suas sutilezas e diferentes formas de expressão, não é o ambiente mais adequado para julgarmos se uma aplicação da regra de generalização existencial é válida ou não.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

as circunstâncias de suposição de existência se revelam apenas na notação canônica

- A linguagem natural, com todas as suas sutilezas e diferentes formas de expressão, não é o ambiente mais adequado para julgarmos se uma aplicação da regra de generalização existencial é válida ou não.
- A linguagem formal da **lógica clássica de primeira ordem**, com restrições extras que Quine impõe à maneira de formalizar nomes e descrições (sua **notação canônica**) será o ambiente onde finalmente poderemos objetivamente verificar as suposições de existência.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

as circunstâncias de suposição de existência se revelam apenas na notação canônica

- A linguagem natural, com todas as suas sutilezas e diferentes formas de expressão, não é o ambiente mais adequado para julgarmos se uma aplicação da regra de generalização existencial é válida ou não.
- A linguagem formal da **lógica clássica de primeira ordem**, com restrições extras que Quine impõe à maneira de formalizar nomes e descrições (sua **notação canônica**) será o ambiente onde finalmente poderemos objetivamente verificar as suposições de existência.
- Neste ambiente austero não há discursos, mas teorias; não há nomes, mas variáveis e quantificadores; não há propriedades ou relações em geral, mas conjuntos limitados e pré-estabelecidos de símbolos de predicado e de relações n -árias que constituirão os vocabulários não-lógicos de cada teoria ali formalizada.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

a regimentação confinará nas variáveis o veículo para a referência

- O critério de Quine será formulado tendo como foco apenas teorias formalizadas nesta notação canônica. Sua aplicação aos discursos será, por isso, apenas indireta. Ela exigirá o passo intermediário da **regimentação** formal.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

a regimentação confinará nas variáveis o veículo para a referência

- O critério de Quine será formulado tendo como foco apenas teorias formalizadas nesta notação canônica. Sua aplicação aos discursos será, por isso, apenas indireta. Ela exigirá o passo intermediário da **regimentação** formal.
- Para avaliar os compromissos ontológicos de um discurso precisamos, primeiramente, regimentá-lo segundo a notação canônica, especificar uma interpretação para os símbolos não-lógicos (de predicado e relação) e tratar sua versão regimentada como uma teoria, ou seja, incluir às sentenças explicitamente declaradas (os axiomas) todas as consequências lógicas destas sentenças.

O Caminho de Quine à formulação do Critério

a regimentação coninará nas variáveis o veículo para a referência

- O critério de Quine será formulado tendo como foco apenas teorias formalizadas nesta notação canônica. Sua aplicação aos discursos será, por isso, apenas indireta. Ela exigirá o passo intermediário da **regimentação** formal.
- Para avaliar os compromissos ontológicos de um discurso precisamos, primeiramente, regimentá-lo segundo a notação canônica, especificar uma interpretação para os símbolos não-lógicos (de predicado e relação) e tratar sua versão regimentada como uma teoria, ou seja, incluir às sentenças explicitamente declaradas (os axiomas) todas as consequências lógicas destas sentenças.
- Como não há nomes na notação canônica, os únicos veículos para a referência (e portanto para a existência) serão as variáveis. E os matemáticos costumam dizer que a referência de uma variável é o seu **valor**.

O Critério de Compromisso Ontológico

ser é ser o valor de uma variável

O Critério de Compromisso Ontológico

ser é ser o valor de uma variável

Chegamos finalmente ao ponto de poder dar sentido tanto ao enunciado do critério de compromisso ontológico de Quine, quanto ao seu famoso slogan sobre o ser. E encontramos uma primeira expressão de ambos, já em 1939, logo na terceira página de LAOP.

O Critério de Compromisso Ontológico

ser é ser o valor de uma variável

Chegamos finalmente ao ponto de poder dar sentido tanto ao enunciado do critério de compromisso ontológico de Quine, quanto ao seu famoso slogan sobre o ser. E encontramos uma primeira expressão de ambos, já em 1939, logo na terceira página de LAOP.

CCOQ v1 – A Logistical Approach to the Ontological Problem (1939)

We may be said to countenance such and such an entity if and only if we regard the range of our variables as including such an entity. To be is to be a value of a variable.

O Critério de Compromisso Ontológico

comprometemo-nos com os valores de nossas variáveis

Ser é ser **um** o valor de uma variável

O slogan de Quine é nada além da afirmação do conceito de existência que ele favorece, a doutrina referencial do ser, em conjunção com a concepção de que o veículo legítimo e inequívoco para a referência são as variáveis da notação canônica.

O Critério de Compromisso Ontológico

comprometemo-nos com os valores de nossas variáveis

Ser é ser **um** o valor de uma variável

O slogan de Quine é nada além da afirmação do conceito de existência que ele favorece, a doutrina referencial do ser, em conjunção com a concepção de que o veículo legítimo e inequívoco para a referência são as variáveis da notação canônica.

Comprometemo-nos com os valores de nossas variáveis

Se ser é ser o valor de uma variável, então comprometemo-nos ontologicamente com a existência de tudo a aquilo que contamos entre os valores de nossas variáveis.

O Critério de Compromisso Ontológico

uma teoria assume aquilo cuja não existência a tornaria falsa

Mas, assim definido, o critério ainda exige esclarecimento. Esta versão se refere aos nossos compromissos, e não aos de nossos discursos ou teorias! (*We may be said... we regard...*) Como é possível, afinal, identificar em uma teoria regimentada na notação canônica quais são os valores de suas variáveis?

O Critério de Compromisso Ontológico

uma teoria assume aquilo cuja não existência a tornaria falsa

Mas, assim definido, o critério ainda exige esclarecimento. Esta versão se refere aos nossos compromissos, e não aos de nossos discursos ou teorias! (*We may be said... we regard...*) Como é possível, afinal, identificar em uma teoria regimentada na notação canônica quais são os valores de suas variáveis?

CCOQ v2 – Existence and Quantification (1968)

To show that a theory assumes a given object, or objects of a given class, we have to show that the theory would be false if that object did not exist, or if that class were empty.

O Critério de Compromisso Ontológico

uma teoria assume aquilo cuja não existência a tornaria falsa

Mas, assim definido, o critério ainda exige esclarecimento. Esta versão se refere aos nossos compromissos, e não aos de nossos discursos ou teorias! (*We may be said... we regard...*) Como é possível, afinal, identificar em uma teoria regimentada na notação canônica quais são os valores de suas variáveis?

CCOQ v2 – Existence and Quantification (1968)

To show that a theory assumes a given object, or objects of a given class, we have to show that the theory would be false if that object did not exist, or if that class were empty.

Uma teoria se compromete ontologicamente com algo quando a teoria seria falsa se este algo não estivesse entre os valores de suas variáveis.

O Critério de Compromisso Ontológico

exemplo de aplicação

Considere a seguinte sentença formalizada:

1 $\exists x \text{ Fantasma}(x)$

O Critério de Compromisso Ontológico

exemplo de aplicação

Considere a seguinte sentença formalizada:

① $\exists x \text{ Fantasma}(x)$

- Quando a sentença (1) será falsa?

O Critério de Compromisso Ontológico

exemplo de aplicação

Considere a seguinte sentença formalizada:

① $\exists x \text{ Fantasma}(x)$

- Quando a sentença (1) será falsa?
- Ela será falsa quando nenhum dos valores possíveis para a variável x for um fantasma.

O Critério de Compromisso Ontológico

exemplo de aplicação

Considere a seguinte sentença formalizada:

$$① \exists x \text{ Fantasma}(x)$$

- Quando a sentença (1) será falsa?
- Ela será falsa quando nenhum dos valores possíveis para a variável x for um fantasma.
- Se entre o domínio (*range*) das variáveis de (1) não houver nenhum fantasma, então (1) é falsa. Logo, (1) e qualquer teoria da qual (1) seja uma de suas sentenças **compromete-se ontologicamente** com fantasmas.

O Critério de Compromisso Ontológico

exemplo de aplicação

Considere agora esta outra sentença formalizada:

$$2 \quad \forall y (\text{Fantasma}(y) \rightarrow \text{Transparente}(y))$$

O Critério de Compromisso Ontológico

exemplo de aplicação

Considere agora esta outra sentença formalizada:

$$\textcircled{2} \quad \forall y (\text{Fantasma}(y) \rightarrow \text{Transparente}(y))$$

- (2) só será falsa se, entre os valores de y , houver um que é um fantasma e não é transparente.

O Critério de Compromisso Ontológico

exemplo de aplicação

Considere agora esta outra sentença formalizada:

$$(2) \quad \forall y (\text{Fantasma}(y) \rightarrow \text{Transparente}(y))$$

- (2) só será falsa se, entre os valores de y , houver um que é um fantasma e não é transparente.
- Se nenhum dos valores de y for um fantasma, (2) é verdadeira.

O Critério de Compromisso Ontológico

exemplo de aplicação

Considere agora esta outra sentença formalizada:

$$(2) \quad \forall y (\text{Fantasma}(y) \rightarrow \text{Transparente}(y))$$

- (2) só será falsa se, entre os valores de y , houver um que é um fantasma e não é transparente.
- Se nenhum dos valores de y for um fantasma, (2) é verdadeira.
- (2) não diz que existem fantasmas. Ela apenas diz que se houver fantasmas, eles serão transparentes.

O Critério de Compromisso Ontológico

exemplo de aplicação

Considere agora esta outra sentença formalizada:

$$\textcircled{2} \quad \forall y (\text{Fantasma}(y) \rightarrow \text{Transparente}(y))$$

- (2) só será falsa se, entre os valores de y , houver um que é um fantasma e não é transparente.
- Se nenhum dos valores de y for um fantasma, (2) é verdadeira.
- (2) não diz que existem fantasmas. Ela apenas diz que se houver fantasmas, eles serão transparentes.
- Então, diferentemente de (1), (2) **não se compromete ontologicamente** com fantasmas, porque não é preciso que haja fantasmas para que (2) seja verdadeira.

O Critério de Compromisso Ontológico

exemplo de aplicação

- 1 $\exists x \text{Fantasma}(x)$
- 2 $\forall y (\text{Fantasma}(y) \rightarrow \text{Transparente}(y))$

- O recurso à regimentação na notação canônica e o apelo às regras semânticas que explicitam as condições de verdade das sentenças formalizadas ajudam-nos a perceber que podemos, muitas vezes, proferir sentenças **significativas** e **verdadeiras** sobre fantasmas, como (2), sem que isto acarrete qualquer compromisso com a existência de fantasmas.

O Critério de Compromisso Ontológico

exemplo de aplicação

- 1 $\exists x \text{ Fantasma}(x)$
- 2 $\forall y (\text{Fantasma}(y) \rightarrow \text{Transparente}(y))$

- O recurso à regimentação na notação canônica e o apelo às regras semânticas que explicitam as condições de verdade das sentenças formalizadas ajudam-nos a perceber que podemos, muitas vezes, proferir sentenças **significativas** e **verdadeiras** sobre fantasmas, como (2), sem que isto acarrete qualquer compromisso com a existência de fantasmas.
- Estes exemplos, creio, esclarecem não apenas a importância da noção de compromisso ontológico para o debate sobre ontologia, como também o fundamento do próprio critério de Quine.

O Critério de Compromisso Ontológico

formulação alternativa

Uma outra vantagem da regimentação é que as **regras semânticas**, que estabelecem as condições de verdade das sentenças, e as **regras lógicas de dedução**, que estabelecem as consequências lógicas das sentenças, são tão intimamente **relacionadas** que se pode demonstrar que:

O Critério de Compromisso Ontológico

formulação alternativa

Uma outra vantagem da regimentação é que as **regras semânticas**, que estabelecem as condições de verdade das sentenças, e as **regras lógicas de dedução**, que estabelecem as consequências lógicas das sentenças, são tão intimamente **relacionadas** que se pode demonstrar que:

Uma teoria T exige que uma **entidade do tipo P** esteja entre os valores de suas variáveis se e apenas se $\exists x P(x)$ for uma das sentenças de T .
(ou um de seus axiomas, ou uma de suas consequências lógicas)

O Critério de Compromisso Ontológico

formulação alternativa

Uma outra vantagem da regimentação é que as **regras semânticas**, que estabelecem as condições de verdade das sentenças, e as **regras lógicas de dedução**, que estabelecem as consequências lógicas das sentenças, são tão intimamente **relacionadas** que se pode demonstrar que:

Uma teoria T exige que uma **entidade do tipo P** esteja entre os valores de suas variáveis se e apenas se $\exists x P(x)$ for uma das sentenças de T .
(ou um de seus axiomas, ou uma de suas consequências lógicas)

Então, dado que uma teoria compromete-se ontologicamente com os valores de suas variáveis:

O Critério de Compromisso Ontológico

formulação alternativa

Uma outra vantagem da regimentação é que as **regras semânticas**, que estabelecem as condições de verdade das sentenças, e as **regras lógicas de dedução**, que estabelecem as consequências lógicas das sentenças, são tão intimamente **relacionadas** que se pode demonstrar que:

Uma teoria T exige que uma **entidade do tipo P** esteja entre os valores de suas variáveis se e apenas se $\exists x P(x)$ for uma das sentenças de T .
(ou um de seus axiomas, ou uma de suas consequências lógicas)

Então, dado que uma teoria compromete-se ontologicamente com os valores de suas variáveis:

CCOQ – formulação alternativa

T compromete-se ontologicamente com $P_s \iff T \models \exists x P(x)$

O Critério de Compromisso Ontológico

formulação alternativa

CCOQ – formulação alternativa

T compromete-se ontologicamente com Ps \iff T $\models \exists x P(x)$

- Esta formulação nos leva de volta a “*Designation and Existence*”, onde Quine apontou na regra de generalização existencial, o comportamento linguístico que nos compromete com a existência.

O Critério de Compromisso Ontológico

formulação alternativa

CCOQ – formulação alternativa

T compromete-se ontologicamente com Ps \iff T \models $\exists x P(x)$

- Esta formulação nos leva de volta a “*Designation and Existence*”, onde Quine apontou na regra de generalização existencial, o comportamento linguístico que nos compromete com a existência.
- Versões levemente alteradas desta formulação foram reiteradamente sugeridas na literatura: Cartwright(1954), Church(1958), Chateaubriand(1971), Rayo(2007), Michael(2008).

O Critério de Compromisso Ontológico

formulação alternativa

CCOQ – formulação alternativa

T compromete-se ontologicamente com Ps \iff T \models $\exists x P(x)$

- Esta formulação nos leva de volta a “*Designation and Existence*”, onde Quine apontou na regra de generalização existencial, o comportamento linguístico que nos compromete com a existência.
- Versões levemente alteradas desta formulação foram reiteradamente sugeridas na literatura: Cartwright(1954), Church(1958), Chateaubriand(1971), Rayo(2007), Michael(2008).
- Ela é reconhecidamente equivalente às formulações de Quine e, em muitos aspectos, mais clara.

O Critério de Compromisso Ontológico

formulação alternativa

CCOQ – formulação alternativa

T compromete-se ontologicamente com Ps \iff T $\models \exists x P(x)$

- Esta formulação nos leva de volta a “*Designation and Existence*”, onde Quine apontou na regra de generalização existencial, o comportamento linguístico que nos compromete com a existência.
- Versões levemente alteradas desta formulação foram reiteradamente sugeridas na literatura: Cartwright(1954), Church(1958), Chateaubriand(1971), Rayo(2007), Michael(2008).
- Ela é reconhecidamente equivalente às formulações de Quine e, em muitos aspectos, mais clara.
- Quine, no entanto, jamais formulou seu critério nestes termos.

Um Problema com o Critério de Quine

ontologia × ideologia

Um Problema com o Critério de Quine

ontologia × ideologia

Quine apresentou mais de uma dezena de formulações para o seu critério, algumas incompletas e outras inadequadas. Podemos, no entanto, tomar a seguinte como talvez a mais bem acabada e representativa:

Um Problema com o Critério de Quine

ontologia × ideologia

Quine apresentou mais de uma dezena de formulações para o seu critério, algumas incompletas e outras inadequadas. Podemos, no entanto, tomar a seguinte como talvez a mais bem acabada e representativa:

CCOQ v3 – Logic and The Reification of Universals (1961)*

*[E]ntities of a given sort are assumed by a theory if and only if some of them **must** be counted among the values of the variables in order that the statements affirmed in the theory be true.*

Um Problema com o Critério de Quine

ontologia × ideologia

Quine apresentou mais de uma dezena de formulações para o seu critério, algumas incompletas e outras inadequadas. Podemos, no entanto, tomar a seguinte como talvez a mais bem acabada e representativa:

CCOQ v3 – Logic and The Reification of Universals (1961)*

*[E]ntities of a given sort are assumed by a theory if and only if some of them **must** be counted among the values of the variables in order that the statements affirmed in the theory be true.*

- Dizer que entidades **devem** estar entre os valores das variáveis é dizer que **não é possível** que elas não estejam, que é **necessário** que elas estejam.

Um Problema com o Critério de Quine

ontologia × ideologia

Quine apresentou mais de uma dezena de formulações para o seu critério, algumas incompletas e outras inadequadas. Podemos, no entanto, tomar a seguinte como talvez a mais bem acabada e representativa:

CCOQ v3 – Logic and The Reification of Universals (1961)*

*[E]ntities of a given sort are assumed by a theory if and only if some of them **must** be counted among the values of the variables in order that the statements affirmed in the theory be true.*

- Dizer que entidades **devem** estar entre os valores das variáveis é dizer que **não é possível** que elas não estejam, que é **necessário** que elas estejam.
- Porém as noções modais de necessidade e possibilidade são mal vistas por Quine.

Um Problema com o Critério de Quine

ontologia × ideologia

Ontology and Ideology (1951)

[A] *fundamental cleavage needs to be observed between two parts of so-called **semantics**: the **theory of reference** and the **theory of meaning**. The theory of reference treats of **naming, denotation, extension, coextensiveness, values of variables, truth**; the theory of meaning treats of **synonymy, analyticity, syntheticity, entailment, intension**. Now the question of the **ontology** of a theory is a question purely of the theory of reference. The question of the **ideology** of a theory, on the other hand, obviously tends to fall within the theory of meaning; and, insofar, it is heir to the **miserable conditions, the virtual lack of scientific conceptualization, which characterize the theory of meaning**.*

Um Problema com o Critério de Quine

ontologia × ideologia

Duas formulações do CCOQ

- *[E]ntities of a given sort are assumed by a theory if and only if some of them **must** be counted among the values of the variables in order that the statements affirmed in the theory be true.*
- T compromete-se ontologicamente com Ps \iff T \models $\exists x P(x)$
- Nem a formulação de Quine, nem a formulação alternativa escapam ao que Quine chama de teoria do significado.

Um Problema com o Critério de Quine

ontologia × ideologia

Duas formulações do CCOQ

- *[E]ntities of a given sort are assumed by a theory if and only if some of them **must** be counted among the values of the variables in order that the statements affirmed in the theory be true.*
- T compromete-se ontologicamente com Ps \iff T \models $\exists x P(x)$
- Nem a formulação de Quine, nem a formulação alternativa escapam ao que Quine chama de teoria do significado.
- A inteligibilidade da primeira exige alguma interpretação para o termo modal '**must**', e segunda propõe uma interpretação da primeira em que a noção de '**entailment**', e portanto de necessidade, aparece disfarçada em consequência lógica (\models).

A Noção de Compromisso Ontológico não é Extensional

A Noção de Compromisso Ontológico não é Extensional

- Vários autores mostraram que qualquer tentativa de interpretar extensionalmente o critério de Quine fracassará: Cartwright(1954), Scheffler & Chomsky(1958), Parsons(1967), Jubien(1972), Chateaubriand(2003)

A Noção de Compromisso Ontológico não é Extensional

- Vários autores mostraram que qualquer tentativa de interpretar extensionalmente o critério de Quine fracassará: Cartwright(1954), Scheffler & Chomsky(1958), Parsons(1967), Jubien(1972), Chateaubriand(2003)
- Considere a noção de compromisso ontológico como o estabelecimento de uma relação (de pressuposição) entre teorias de um lado e seus compromissos ontológicos (as pressuposições) do outro lado.

A Noção de Compromisso Ontológico não é Extensional

- Vários autores mostraram que qualquer tentativa de interpretar extensionalmente o critério de Quine fracassará: Cartwright(1954), Scheffler & Chomsky(1958), Parsons(1967), Jubien(1972), Chateaubriand(2003)
- Considere a noção de compromisso ontológico como o estabelecimento de uma relação (de pressuposição) entre teorias de um lado e seus compromissos ontológicos (as pressuposições) do outro lado.
- Quando T se compromete ontologicamente com α : (T press α). Dizer que a relação de pressuposição ontológica é extensional significa tratar α como uma **extensão**: uma coisa ou classe de coisas, e não como uma **intensão**: uma ideia, ou conceito, ou significado.

A Noção de Compromisso Ontológico não é Extensional

- Vários autores mostraram que qualquer tentativa de interpretar extensionalmente o critério de Quine fracassará: Cartwright(1954), Scheffler & Chomsky(1958), Parsons(1967), Jubien(1972), Chateaubriand(2003)
- Considere a noção de compromisso ontológico como o estabelecimento de uma relação (de pressuposição) entre teorias de um lado e seus compromissos ontológicos (as pressuposições) do outro lado.
- Quando T se compromete ontologicamente com α : (T press α). Dizer que a relação de pressuposição ontológica é extensional significa tratar α como uma **extensão**: uma coisa ou classe de coisas, e não como uma **intensão**: uma ideia, ou conceito, ou significado.
- Mas a relação de pressuposição ontológica não pode ser extensional, caso contrário, as teorias $T_1: \exists x \text{ Centauro}(x)$ e $T_2: \exists x \text{ Unicornio}(x)$ teriam ambas o mesmo compromisso ontológico: **a classe vazia**.

A Noção de Compromisso Ontológico não é Extensional

$T_1: \exists x \text{Centauro}(x)$

$T_2: \exists x \text{Unicornio}(x)$

- Contrariar a intuição de que as duas teorias têm compromissos ontológicos distintos, T_1 com centauros e T_2 com unicórnios, é abandonar a inteligibilidade da noção de compromisso ontológico, que não deve depender do que existe, mas do que as teorias dizem que existe.

A Noção de Compromisso Ontológico não é Extensional

$T_1: \exists x \text{Centauro}(x)$

$T_2: \exists x \text{Unicornio}(x)$

- Contrariar a intuição de que as duas teorias têm compromissos ontológicos distintos, T_1 com centauros e T_2 com unicórnios, é abandonar a inteligibilidade da noção de compromisso ontológico, que não deve depender do que existe, mas do que as teorias dizem que existe.
- A distinção que há entre centauros e unicórnios, que estabelece a distinção entre os compromissos ontológicos de T_1 e T_2 não é, portanto, extensional, mas intensional. Não está na coisa que é centauro e na coisa que é unicórnio, mas apenas na ideia, conceito, noção, significado,... do que é ser centauro e ser unicórnio.

A Noção de Compromisso Ontológico não é Extensional

$T_1: \exists x \text{Centauro}(x)$

$T_2: \exists x \text{Unicornio}(x)$

- Contrariar a intuição de que as duas teorias têm compromissos ontológicos distintos, T_1 com centauros e T_2 com unicórnios, é abandonar a inteligibilidade da noção de compromisso ontológico, que não deve depender do que existe, mas do que as teorias dizem que existe.
- A distinção que há entre centauros e unicórnios, que estabelece a distinção entre os compromissos ontológicos de T_1 e T_2 não é, portanto, extensional, mas intensional. Não está na coisa que é centauro e na coisa que é unicórnio, mas apenas na ideia, conceito, noção, significado,... do que é ser centauro e ser unicórnio.
- Logo, não é possível sustentar que a noção de compromisso ontológico possa ser interpretada extensionalmente.

Outras Críticas ao Critério de Quine

- 1 Cartwright(1954) e a intensionalidade do critério de Quine
- 2 Alston(1958) e a impossibilidade da redução ontológica.
- 3 Searle(1969) e o desaparecimento de compromissos ontológicos.
- 4 Azzouni(1998) e os predicados alternativos de existência.
- 5 Rayo(2007) e as propriedades extrínsecas.

Alston e a Impossibilidade da Redução Ontológica

Alston e a Impossibilidade da Redução Ontológica

As críticas de Alston(1958), e também Jackson(1980), Hodges(1970), Humphries(1980), Glock(2002),... dirigem-se tanto às dificuldades impostas pela exigência de regimentação formal para a aplicação do critério, quanto à impossibilidade de redução ontológica por paráfrase. Considere as seguintes sentenças:

Alston e a Impossibilidade da Redução Ontológica

As críticas de Alston(1958), e também Jackson(1980), Hodges(1970), Humphries(1980), Glock(2002),... dirigem-se tanto às dificuldades impostas pela exigência de regimentação formal para a aplicação do critério, quanto à impossibilidade de redução ontológica por paráfrase. Considere as seguintes sentenças:

- 1 Este cascalho tem redondeza
- 2 Este cascalho é redondo

Alston e a Impossibilidade da Redução Ontológica

As críticas de Alston(1958), e também Jackson(1980), Hodges(1970), Humphries(1980), Glock(2002),... dirigem-se tanto às dificuldades impostas pela exigência de regimentação formal para a aplicação do critério, quanto à impossibilidade de redução ontológica por paráfrase. Considere as seguintes sentenças:

① Este cascalho tem redondeza

② Este cascalho é redondo

- Quando regimentadas da maneira mais literal, (1) se compromete com “redondeza” e (2) não. Mas se (2) é paráfrase de (1) então, ela diz o mesmo que (1) e, portanto, deveria ter os mesmos compromissos ontológicos.

Alston e a Impossibilidade da Redução Ontológica

As críticas de Alston(1958), e também Jackson(1980), Hodges(1970), Humphries(1980), Glock(2002),... dirigem-se tanto às dificuldades impostas pela exigência de regimentação formal para a aplicação do critério, quanto à impossibilidade de redução ontológica por paráfrase. Considere as seguintes sentenças:

① Este cascalho tem redondeza

② Este cascalho é redondo

- Quando regimentadas da maneira mais literal, (1) se compromete com “redondeza” e (2) não. Mas se (2) é paráfrase de (1) então, ela diz o mesmo que (1) e, portanto, deveria ter os mesmos compromissos ontológicos.

Alston(1958) afirma que compromissos ontológicos deveriam depender apenas do **que** dizemos, e não de **como** dizemos.

Searle e o Desaparecimento de Compromissos Ontológicos

Searle e o Desaparecimento de Compromissos Ontológicos

Considere:

- **K** : conjunção das sentenças que afirmam todo o conhecimento científico
- O predicado “**P**” definido como: $P(x) =_{df} (x = thispen) \wedge K$

Searle e o Desaparecimento de Compromissos Ontológicos

Considere:

- **K** : conjunção das sentenças que afirmam todo o conhecimento científico
- O predicado “**P**” definido como: $P(x) =_{df} (x = \text{thispen}) \wedge K$

1	K	(axioma)
2	thispen = thispen	=Intro
3	(thispen = thispen) \wedge K	\wedge Intro 1,2
4	P(thispen)	def. de P em 3
5	$\exists x P(x)$	\exists Intro 4

Searle e o Desaparecimento de Compromissos Ontológicos

Considere:

- **K** : conjunção das sentenças que afirmam todo o conhecimento científico
- O predicado “**P**” definido como: $P(x) =_{df} (x = \text{thispen}) \wedge K$

1	K	(axioma)
2	thispen = thispen	=Intro
3	(thispen = thispen) \wedge K	\wedge Intro 1,2
4	P(thispen)	def. de P em 3
5	$\exists x P(x)$	\exists Intro 4

Searle(1969) alega ter assim demonstrado que a asserção de todo o conhecimento científico compromete-se ontologicamente apenas com esta caneta (thispen).

Azzouni e os Predicados Alternativos de Existência

Azzouni e os Predicados Alternativos de Existência

- Azzouni, como nós, propõe separar e relacionar critérios de compromisso ontológicos com conceitos de existência específicos.

Azzouni e os Predicados Alternativos de Existência

- Azzouni, como nós, propõe separar e relacionar critérios de compromisso ontológicos com conceitos de existência específicos.
- Sugere como conceitos alternativos de existência, por exemplo, *eficácia causal*, ou *concretude*, ou *espaço-temporalidade*, ou *constitutividade sensorial*, ou ...

Azzouni e os Predicados Alternativos de Existência

- Azzouni, como nós, propõe separar e relacionar critérios de compromisso ontológicos com conceitos de existência específicos.
- Sugere como conceitos alternativos de existência, por exemplo, *eficácia causal*, ou *concretude*, ou *espaço-temporalidade*, ou *constitutividade sensorial*, ou ...
- Afirma que se mudarmos o conceito de existência, o quantificador existencial deixa de carregar a responsabilidade do compromisso ontológico.

Azzouni e os Predicados Alternativos de Existência

- Azzouni, como nós, propõe separar e relacionar critérios de compromisso ontológicos com conceitos de existência específicos.
- Sugere como conceitos alternativos de existência, por exemplo, *eficácia causal*, ou *concretude*, ou *espaço-temporalidade*, ou *constitutividade sensorial*, ou ...
- Afirma que se mudarmos o conceito de existência, o quantificador existencial deixa de carregar a responsabilidade do compromisso ontológico.
- Esta responsabilidade pode ser atribuída a um predicado de existência, cuja interpretação semântica é justamente a afirmação do conceito de existência que se admite.

Azzouni e os Predicados Alternativos de Existência

- Azzouni, como nós, propõe separar e relacionar critérios de compromisso ontológicos com conceitos de existência específicos.
- Sugere como conceitos alternativos de existência, por exemplo, *eficácia causal*, ou *concretude*, ou *espaço-temporalidade*, ou *constitutividade sensorial*, ou ...
- Afirma que se mudarmos o conceito de existência, o quantificador existencial deixa de carregar a responsabilidade do compromisso ontológico.
- Esta responsabilidade pode ser atribuída a um predicado de existência, cuja interpretação semântica é justamente a afirmação do conceito de existência que se admite.
- Diante desta possibilidade, Azzouni(1998) afirma que não há padrão para decidir entre as alternativas rivais, o que deflaciona toda a questão sobre ontologia.

Rayo e as Propriedades Extrínsecas

Rayo e as Propriedades Extrínsecas

- Rayo(2007) define as **condições de verdade** de uma sentença (ele não fala de teorias) como as “*demandas que a verdade da sentença impõe ao mundo*”, e define os **compromissos ontológicos** como uma parte (ou aspecto) das condições de verdade da sentença.

Rayo e as Propriedades Extrínsecas

- Rayo(2007) define as **condições de verdade** de uma sentença (ele não fala de teorias) como as “*demandas que a verdade da sentença impõe ao mundo*”, e define os **compromissos ontológicos** como uma parte (ou aspecto) das condições de verdade da sentença.
- Então os compromissos ontológicos de uma sentença são, dentre as demandas que a verdade da sentença impõe ao mundo, aquelas que concernem à ontologia, ao que há.

Rayo e as Propriedades Extrínsecas

- Rayo(2007) define as **condições de verdade** de uma sentença (ele não fala de teorias) como as “*demandas que a verdade da sentença impõe ao mundo*”, e define os **compromissos ontológicos** como uma parte (ou aspecto) das condições de verdade da sentença.
- Então os compromissos ontológicos de uma sentença são, dentre as demandas que a verdade da sentença impõe ao mundo, aquelas que concernem à ontologia, ao que há.
- O critério de Quine tem problemas para se adequar à noção de compromisso ontológico de Rayo, porque a afirmação $\exists x P(x)$, por exemplo, muitas vezes demandará mais do mundo, do ponto de vista ontológico, do que meramente a existência de Ps.

Rayo e as Propriedades Extrínsecas

- Rayo(2007) define as **condições de verdade** de uma sentença (ele não fala de teorias) como as “*demandas que a verdade da sentença impõe ao mundo*”, e define os **compromissos ontológicos** como uma parte (ou aspecto) das condições de verdade da sentença.
- Então os compromissos ontológicos de uma sentença são, dentre as demandas que a verdade da sentença impõe ao mundo, aquelas que concernem à ontologia, ao que há.
- O critério de Quine tem problemas para se adequar à noção de compromisso ontológico de Rayo, porque a afirmação $\exists x P(x)$, por exemplo, muitas vezes demandará mais do mundo, do ponto de vista ontológico, do que meramente a existência de Ps.
- A verdade da sentença $\exists x \text{Filha}(x)$, por exemplo, exige do mundo não apenas que haja **filhas**, mas também que haja **pais**. Se alguém é filha, alguém tem que ser pai. Há uma propriedade extrínseca (ser pai) ligada ao predicado $\text{Filha}(x)$.

Um Balanço das Críticas

- 1 Cartwright(1954) e a intensionalidade do critério de Quine
- 2 Alston(1958) e a impossibilidade da redução ontológica.
- 3 Searle(1969) e o desaparecimento de compromissos ontológicos.
- 4 Azzouni(1998) e os predicados alternativos de existência.
- 5 Rayo(2007) e as propriedades extrínsecas.

Um Balanço das Críticas

- 1 Cartwright(1954) e a intensionalidade do critério de Quine
 - 2 Alston(1958) e a impossibilidade da redução ontológica.
 - 3 Searle(1969) e o desaparecimento de compromissos ontológicos.
 - 4 Azzouni(1998) e os predicados alternativos de existência.
 - 5 Rayo(2007) e as propriedades extrínsecas.
- Alguns destes trabalhos são bastante influentes e usados por muitos como provas da inadequação do critério de Quine.

Um Balanço das Críticas

- 1 Cartwright(1954) e a intensionalidade do critério de Quine
 - 2 Alston(1958) e a impossibilidade da redução ontológica.
 - 3 Searle(1969) e o desaparecimento de compromissos ontológicos.
 - 4 Azzouni(1998) e os predicados alternativos de existência.
 - 5 Rayo(2007) e as propriedades extrínsecas.
- Alguns destes trabalhos são bastante influentes e usados por muitos como provas da inadequação do critério de Quine.
 - Todos eles apontam limitações da abordagem de Quine para determinados contextos em que é legítimo usar o conceito de compromisso ontológico.

Um Balanço das Críticas

① Cartwright(1954) e a intensionalidade do critério de Quine

② Alston(1958) e a impossibilidade da redução ontológica.

③ Searle(1969) e o desaparecimento de compromissos ontológicos.

④ Azzouni(1998) e os predicados alternativos de existência.

⑤ Rayo(2007) e as propriedades extrínsecas.

- Alguns destes trabalhos são bastante influentes e usados por muitos como provas da inadequação do critério de Quine.
- Todos eles apontam limitações da abordagem de Quine para determinados contextos em que é legítimo usar o conceito de compromisso ontológico.
- No entanto, o **único** que parece atacar Quine em seu próprio terreno, dentro de seu próprio projeto filosófico, é **Cartwright(1954)**.

Compromissos Ontológicos são Intensionais. E Daí?

voltando a Quine...

Compromissos Ontológicos são Intensionais. E Daí?

voltando a Quine...

- Não basta reconhecer que Quine errou ao inscrever as questões sobre a ontologia de uma teoria dentro do que ele chamava de teoria da referência.

Compromissos Ontológicos são Intensionais. E Daí?

voltando a Quine...

- Não basta reconhecer que Quine errou ao inscrever as questões sobre a ontologia de uma teoria dentro do que ele chamava de teoria da referência.
- Para além do seu repúdio explícito à teoria do significado, é preciso entender qual é o problema, para Quine, com a intensionalidade dos compromissos ontológicos.

Compromissos Ontológicos são Intensionais. E Daí?

voltando a Quine...

- Não basta reconhecer que Quine errou ao inscrever as questões sobre a ontologia de uma teoria dentro do que ele chamava de teoria da referência.
- Para além do seu repúdio explícito à teoria do significado, é preciso entender qual é o problema, para Quine, com a intensionalidade dos compromissos ontológicos.

Há três pontos problemáticos interconectados:

- 1 Sua postura naturalista.
- 2 O paradoxo de Russell.
- 3 Sua preferência pela doutrina referencial do ser.

O Naturalismo de Quine

Quine se autodenomina um naturalista:

O Naturalismo de Quine

Quine se autodenomina um naturalista:

Theories and Things (1981)

[I]t is within science itself, and not in some prior philosophy, that reality is to be identified and described.

O Naturalismo de Quine

Quine se autodenomina um naturalista:

Theories and Things (1981)

[I]t is within science itself, and not in some prior philosophy, that reality is to be identified and described.

Word and Object (1960)

The philosopher's task differs from the others' [...] in detail, but in no such drastic way as those suppose who imagine for the philosopher a vantage point outside the conceptual scheme he takes in charge. There is no such cosmic exile.

O Naturalismo de Quine

- Podemos interpretar as acusações de “*miseráveis condições*” e “*carência de conceitualização científica*” que Quine faz à teoria do significado justamente como o seu reconhecimento de que a inteligibilidade das noções de sinonímia, analiticidade, sinteticidade, *entailment*,... necessitam deste suposto “ponto de observação” especial e privilegiado da filosofia, deste inexistente “exílio cósmico”.

O Naturalismo de Quine

- Podemos interpretar as acusações de “*miseráveis condições*” e “*carência de conceitualização científica*” que Quine faz à teoria do significado justamente como o seu reconhecimento de que a inteligibilidade das noções de sinonímia, analiticidade, sinteticidade, *entailment*,... necessitam deste suposto “ponto de observação” especial e privilegiado da filosofia, deste inexistente “exílio cósmico”.
- Os conhecidos ataques às noções de **sinonímia** e **analiticidade** e a defesa de uma posição **holista** com relação ao conhecimento, que Quine faz em “*Two Dogmas of Empiricism (1951)*”, autorizam esta interpretação.

O Naturalismo de Quine

- Podemos interpretar as acusações de “*miseráveis condições*” e “*carência de conceitualização científica*” que Quine faz à teoria do significado justamente como o seu reconhecimento de que a inteligibilidade das noções de sinonímia, analiticidade, sinteticidade, *entailment*,... necessitam deste suposto “ponto de observação” especial e privilegiado da filosofia, deste inexistente “exílio cósmico”.
- Os conhecidos ataques às noções de **sinonímia** e **analiticidade** e a defesa de uma posição **holista** com relação ao conhecimento, que Quine faz em “*Two Dogmas of Empiricism (1951)*”, autorizam esta interpretação.
- Quine chega até a admitir que há uma parte respeitável da ideologia que pode ser estudada de modo formalista através da noção de tradutibilidade entre linguagens e definibilidade. Mas isto só é possível através de análogos na teoria da referência para as noções mal comportadas da teoria do significado.

O Naturalismo de Quine

Ontology and Ideology (1951)

a partial analogue of the theory of meaning is contained within the theory of reference itself; here extension takes the place of intension, coextensiveness of predicates takes the place of synonymy of predicates, and truth takes the place of analyticity.

Ontology and Ideology (1951)

a partial analogue of the theory of meaning is contained within the theory of reference itself; here extension takes the place of intension, coextensiveness of predicates takes the place of synonymy of predicates, and truth takes the place of analyticity.

- Mas esta alternativa não está aberta para Quine neste caso, pois como vimos, os compromissos ontológicos de T_1 e T_2 são distintos justamente porque os predicados Centauro(x) e Unicornio(x) não são sinônimos, embora sejam coextensivos.

Ontology and Ideology (1951)

a partial analogue of the theory of meaning is contained within the theory of reference itself; here extension takes the place of intension, coextensiveness of predicates takes the place of synonymy of predicates, and truth takes the place of analyticity.

- Mas esta alternativa não está aberta para Quine neste caso, pois como vimos, os compromissos ontológicos de T_1 e T_2 são distintos justamente porque os predicados Centauro(x) e Unicornio(x) não são sinônimos, embora sejam coextensivos.
- Mas por que, afinal, Quine insiste que as noções ligadas à teoria do significado estão fora dos esquemas conceituais comuns da filosofia e das ciências? Por que ele as coloca no inexistente “exílio cósmico”?

O Paradoxo de Russell

O Paradoxo de Russell

- Quine não pode admitir que aquilo que diferencia centauros de unicórnios faça parte do mundo tanto quanto eu, você ou o conjunto dos números reais, simplesmente porque não há modo de tratar destas entidades abstratas em sua austera notação canônica.

O Paradoxo de Russell

- Quine não pode admitir que aquilo que diferencia centauros de unicórnios faça parte do mundo tanto quanto eu, você ou o conjunto dos números reais, simplesmente porque não há modo de tratar destas entidades abstratas em sua austera notação canônica.
- A inconsistência da teoria ingênua de conjuntos, evidenciada pelo paradoxo de Russell, mostrou que entidades intensionais carecem das **condições básicas de individuação** que Quine exige: o respeito a regra lógica da **substitutibilidade dos idênticos** (*salva veritate*).

O Paradoxo de Russell

- Quine não pode admitir que aquilo que diferencia centauros de unicórnios faça parte do mundo tanto quanto eu, você ou o conjunto dos números reais, simplesmente porque não há modo de tratar destas entidades abstratas em sua austera notação canônica.
- A inconsistência da teoria ingênua de conjuntos, evidenciada pelo paradoxo de Russell, mostrou que entidades intensionais carecem das **condições básicas de individuação** que Quine exige: o respeito a regra lógica da **substitutibilidade dos idênticos** (*salva veritate*).
- Obedecer aos princípios lógicos de identificação e diferenciação é, para Quine, requisito mínimo para a **admissibilidade ontológica**.

O Paradoxo de Russell

- Quine não pode admitir que aquilo que diferencia centauros de unicórnios faça parte do mundo tanto quanto eu, você ou o conjunto dos números reais, simplesmente porque não há modo de tratar destas entidades abstratas em sua austera notação canônica.
- A inconsistência da teoria ingênua de conjuntos, evidenciada pelo paradoxo de Russell, mostrou que entidades intensionais carecem das **condições básicas de individuação** que Quine exige: o respeito a regra lógica da **substitutibilidade dos idênticos** (*salva veritate*).
- Obedecer aos princípios lógicos de identificação e diferenciação é, para Quine, requisito mínimo para a **admissibilidade ontológica**.
- No entanto, o paradoxo mostrou que não há modo consistente de acomodar entidades intensionais enquanto nos mantivermos restritos à notação canônica que Quine exige.

Preferência pela Doutrina Referencial do Ser

- Para complementar, podemos ainda dizer que admitir as noções intensionais levaria Quine para a doutrina do ser que ele rejeita, a que relaciona o ser à significância.

- Para complementar, podemos ainda dizer que admitir as noções intensionais levaria Quine para a doutrina do ser que ele rejeita, a que relaciona o ser à significância.
- Afinal, se o que distingue centauros de unicórnios não está naquilo a que centauro e unicórnio se **referem**, mas no que **significam**, então, admitir o que faz esta diferença entre o que existe, consiste em reificar os significados. Exatamente a doutrina do ser que Quine rejeita.

Um golpe duro para Quine

Um golpe duro para Quine

- Perceber que a inteligibilidade da noção de compromisso ontológico, elo fundamental de toda a sua concepção **referencial** do ser, depende de elementos da teoria do **significado**, parece ter sido um golpe duro para Quine.

Um golpe duro para Quine

- Perceber que a inteligibilidade da noção de compromisso ontológico, elo fundamental de toda a sua concepção **referencial** do ser, depende de elementos da teoria do **significado**, parece ter sido um golpe duro para Quine.
- Ele nunca respondeu diretamente aos seus críticos e, após a publicação de "*Existence and Quantification(1968)*" e "*Ontological Relativity(1969)*" ele praticamente não abordou mais o assunto.

Um golpe duro para Quine

- Perceber que a inteligibilidade da noção de compromisso ontológico, elo fundamental de toda a sua concepção **referencial** do ser, depende de elementos da teoria do **significado**, parece ter sido um golpe duro para Quine.
- Ele nunca respondeu diretamente aos seus críticos e, após a publicação de "*Existence and Quantification(1968)*" e "*Ontological Relativity(1969)*" ele praticamente não abordou mais o assunto.
- Ao invés de resolver os problemas que compromissos ontológicos extravagantes de teorias extravagantes lhe causavam, preferiu focalizar sua atenção para a proposição substantiva de uma ontologia minimalista e extensional, constituída apenas de classes, que ele julgava adequada para toda a ciência.

Para Finalizar...

- Poderíamos acusar Quine de retirar do âmbito das considerações filosóficas, questões legítimas que ela deveria tratar. Afinal, nós **conceituamos** e **significamos**. E não só isso, nós também **pensamos, consideramos, acreditamos, proibimos, duvidamos, cogitamos, permitimos,...** e tantas outras coisas que nos levam aos contextos intensionais.

Para Finalizar...

- Poderíamos acusar Quine de retirar do âmbito das considerações filosóficas, questões legítimas que ela deveria tratar. Afinal, nós **conceituamos** e **significamos**. E não só isso, nós também **pensamos, consideramos, acreditamos, proibimos, duvidamos, cogitamos, permitimos,...** e tantas outras coisas que nos levam aos contextos intensionais.
- A resposta de Quine é, novamente, um compromisso austero com o naturalismo:

Para Finalizar...

- Poderíamos acusar Quine de retirar do âmbito das considerações filosóficas, questões legítimas que ela deveria tratar. Afinal, nós **conceituamos e significamos**. E não só isso, nós também **pensamos, consideramos, acreditamos, proibimos, duvidamos, cogitamos, permitimos,...** e tantas outras coisas que nos levam aos contextos intensionais.
- A resposta de Quine é, novamente, um compromisso austero com o naturalismo:

Mr. Strawson on Logical Theory (1953)

If certain problems of ontology, say, or modality, or causality, or contrary-to-fact conditionals, which arise in ordinary language, turn out not to arise in science as reconstituted with the help of formal logic, then those problems have in an important sense been solved: they have been shown not to be implicated in any necessary foundation of science.

Bibliografia

- Azzouni(1998) - On On What There Is
Cartwright(1954) - Ontology and the Theory of Meaning
Chateaubriand(1971) - Ontic Commitment, Ontological Reduction, and Ontology
Chateaubriand(2003) - Quine and Ontology
Glock(2002) - Does Ontology Exist?
Hodges(1970) - Quine on Ontological Commitment
Humphries(1980) - Quine's Ontological Commitment
Jackson(1980) - Ontological Commitment and Paraphrase
Jubien(1972) - The Intensionality of Ontological Commitment
Parsons(1967) - Extensional Theories of Ontological Commitment
Quine(1939) - Logistical Approach to the Ontological Problem
Quine(1939) - Designation and Existence
Quine(1948) - On What There Is
Quine(1951) - Ontology and Ideology
Quine(1951) - Two Dogmas of Empiricism
Quine(1953) - Mr. Strawson on Logical Theory
Quine(1960) - Word and Object
Quine(1961) - Logic and The Reification of Universals (2 ed)
Quine(1968) - Existence and Quantification
Quine(1969) - Ontological Relativity
Quine(1981) - Theories and Things
Rayo(2007) - Ontological Commitment
Scheffler and Chomsky(1958) What is Said to Be
Searle(1969) - Speech Acts: an essay in the philosophy of language